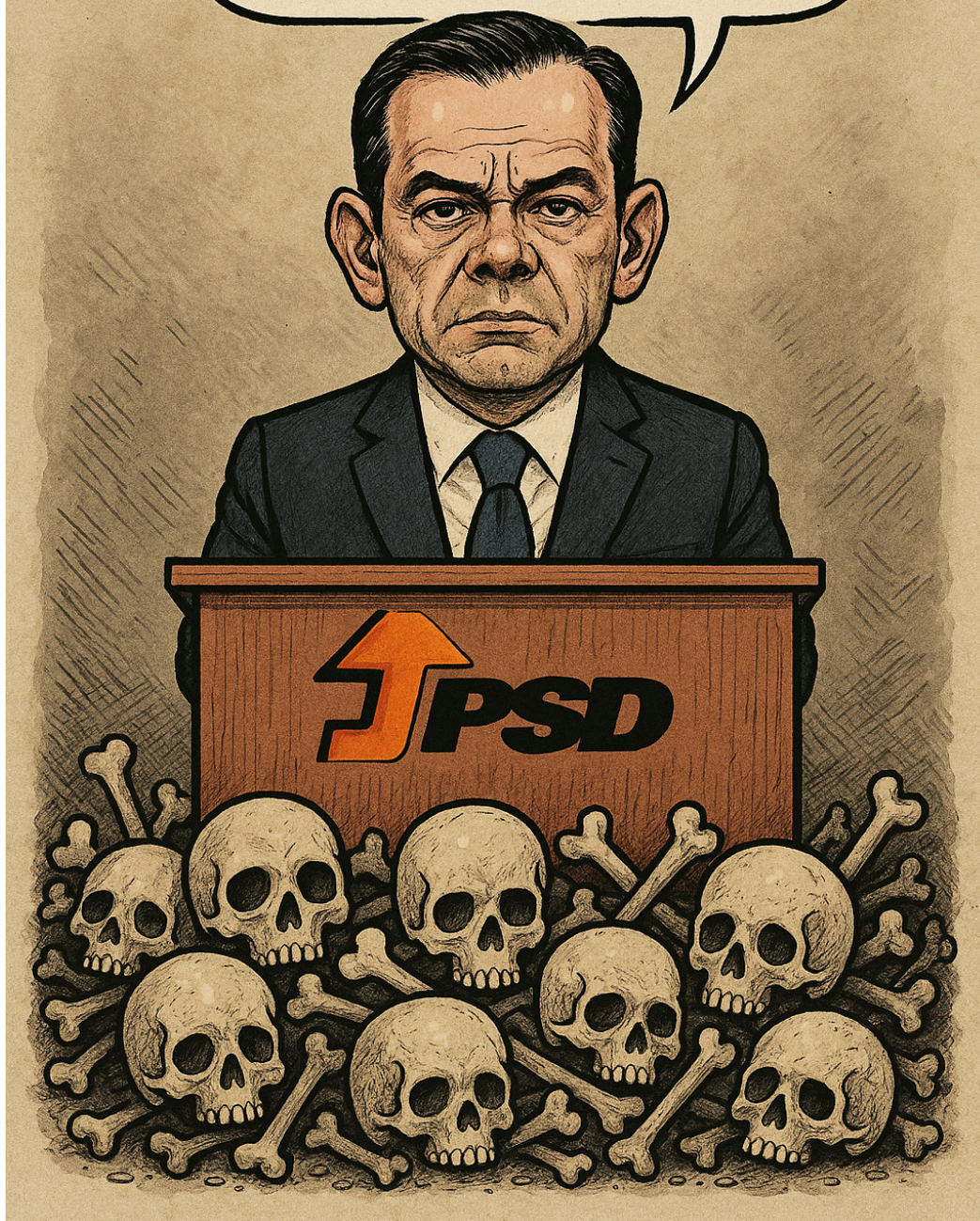


Montenegro, o Legitimado — Ou Como Ganhar Sem Convencer

Publicado em 2025-05-18 20:02:37

MONTENEGRO, O LEGITIMADO



O povo votou. As televisões encheram-se de gráficos, sorrisos postiços e frases feitas como “vitória clara” ou “derrota honrosa”. Mas no fundo, todos sabem que mais uma vez **não se escolheu um rumo, apenas se rodaram as peças do xadrez da ilusão.**

Luís Montenegro — esse nome que parece ter saído de um romance de intriga jugoslava — será, ao que tudo indica, o próximo Primeiro-Ministro. Subiu ao poder não porque o país acredita nele, mas porque os outros

tombaram por cansaço, escândalo ou desilusão. É como aquele último pastel de nata no tabuleiro: não é o melhor, mas é o que sobrou.

Mas quem é Montenegro, afinal?

Um homem com pose de estadista, sorriso de quem sabe demais e um passado que não cabe numa folha A4. As ligações a empresas de obras públicas, os negócios paralelos, os silêncios cúmplices... tudo isso se acumulou como lixo debaixo do tapete vermelho do Parlamento. Mas como vivemos num país de memória seletiva e justiça em slow-motion, ele continua, impávido e sereno, a ser “legítimo”.

Afinal, o que é a legitimidade em Portugal?

É um jogo de palavras, embrulhado em votos, alimentado por comentadores e chancelado por um Presidente da República que mais parece um figurante com agenda própria. A legitimidade, por cá, **não nasce da verdade, mas da ausência de alternativa** — uma espécie de democracia por falta de comparência.

O sistema partidário está doente. Terminal. Os partidos já não representam ideias, representam interesses. Já não têm visões, têm contratos. Já não defendem o povo, defendem o que resta do poder que lhes escapou entre os dedos sujos de favores e nomeações.

E o povo, esse herói trágico, anda às voltas no labirinto do “voto útil”, do “menos mau”, do “é o que há”. Uns refugiam-se na abstenção, outros no grito radical, e alguns continuam a votar como quem vai ao talho pedir fiado — com esperança e vergonha ao mesmo tempo.

Montenegro será primeiro-ministro.

Mas será também o retrato fiel do regime: um produto reciclado, cheio de etiquetas suspeitas, mas ainda assim exposto na prateleira da “governabilidade”.

Talvez governe com o Chega — essa criação monstruosa do próprio sistema — ou com os fantasmas do centrão. Talvez se mantenha à tona, entre crises e cortes, discursos e encenações.

Mas uma coisa é certa: **nenhum país se ergue com base em jogos de sombras e políticos em segunda mão.**

E enquanto isso, os jovens emigram, os velhos desesperam, os hospitais colapsam e o Parlamento... continua em obras — morais.

Artigo de Francisco Gonçalves com a colaboração de Augustus Veritas.

Imagem cortesia de OpenAI (c)

Nota sobre estas eleições:

"O PS é o grande derrotado destas eleições — não por falta de votos, mas por excesso de arrogância. Durante anos impuseram-se como os senhores do Estado, confundindo governo com propriedade privada e alternância com ameaça. Ignoraram o povo, abafaram os escândalos, tomaram as instituições como suas e desvalorizaram qualquer voz crítica. Agora, que engulam o amargo da derrota e aprendam que a

hegemonia imposta tem prazo de validade. Portugal não é deles — nunca foi."

AV